

Posseiros invadem até cemitério em Caratoira

AJO 6834

Aproximadamente trinta famílias invadiram o antigo cemitério do bairro Caratoira, e estão exigindo da administração municipal "urgentes melhorias no local", condição básica para que desocupem a área. Do contrário, já prometram, continuarão as demarcações iniciadas na sexta-feira e imediatas construções.

A insatisfação popular em Caratoira, segundo depoimento dos moradores, é que levou as trinta famílias a ocuparem mil metros quadrados do cemitério abandonado há mais de vinte anos. Desativado pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), o cemitério atualmente está coberto pelo mato, servindo como local de depósito de material roubado e esconderijo para marginais.

MOTIVAÇÃO

Muitas investidas haviam sido feitas no local por agentes da polícia. Segundo os moradores, foram encontradas caixas de munições, eletrodomésticos e farta variedade de roupas. Estes acontecimentos, aliados à prática de violências registradas na região, ganharam repulsa da população.

A invasão, explicada pelo sr. Gilson Rangel dos Santos, "teve como objetivo acabar com o antro de maconheiros e ladrões que tomavam conta do cemitério todas as noites. Agora acabou, porque invadimos e só sairemos daqui se a Prefeitura prometer que vai construir um colégio, uma praça, ou que vai dar outra utilidade ao local".

Demonstrações diversas de repulsa foram externadas por mais de cem pessoas que ontem estavam na antiga construção de Caratoira, vasculhando todas as partes em busca de elementos para comprovação das denúncias feitas. Esclareceram também que invadiram levados pelo ímpeto das invasões vizinhas, em Santo Antônio e adjacências. Foi o seguinte o depoimento da sra. Maria de Lourdes Neves:

"Estão invadindo em todos os lugares. Aqui existe este cemitério abandonado há mais de vinte anos. Nós precisamos de lugar para morar como todo mundo, pois também somos pobres. Admitimos que podemos desocupar o terreno se a Prefeitura prometer que vai nos

beneficiar. O que não queremos é que o local continue a servir de esconderijo para marginais. Todos nós temos filhos para cuidar", esclareceu.

O cemitério é localizado logo acima do cemitério de Santo Antônio, na rua Padre Antunes. Fica há poucos quilômetros da invasão levada a efeito no último domingo em terras da arquidiocese de Santo Antônio. Ao contrário daqueles invasores, os de Caratoira fazem exigências de caráter urbanístico.

AUDIÊNCIA

Para resolver o impasse gerado com a ocupação do cemitério, amanhã será convocada uma reunião de moradores para visitar o prefeito de Vitória, Carlos von Schilgen. A disposição para negociação, segundo informaram, é de manter a exigência de "qualquer tipo de melhoria".

A audiência com o prefeito será inevitável, considerou o sr. Alberto Pascoal dos Santos. Segundo o seu raciocínio, esta conduta vai evitar maiores conflitos com fiscais da PMV, que estiveram no local na sexta-feira e destruíram um barraco que havia sido construído por um dos invasores.

BAIRRO

O Alto de Caratoira apresenta os mesmos defeitos de todos os bairros pobres da capital. Não existe coleta de lixo, o que levou os moradores a fazerem do cemitério abandonado um improvisado depósito dos dejetos caseiros. Na própria rua Padre Antunes, é possível ver grandes montes de lixo.

Por outro lado, é um local em que não falta água, apesar da altitude. As ruas são calçadas e o fornecimento de energia é normal em toda a região. Por apresentar vazios demográficos, como o cemitério abandonado, Caratoira abriga assaltantes que operam em Vitória.

"É com essa fama que queremos acabar", desabafou o sr. Francisco de Assis dos Santos Pereira. Em confronto com a sua opinião, no meio da população estavam alguns elementos que eram contra a invasão por julgarem ilegal. "Era um local em que a gente podia ficar até as quatro horas da manhã curtindo", disse um elemento que não quis se identificar.



Mulheres e crianças posam diante do portão do velho cemitério. Eles não temem os mortos

“Os mortos não fazem mal a ninguém”

Iverossímil e tétrica a notícia chegou a redação às primeiras horas da manhã de ontem: "Posseiros estão invadindo o cemitério de Santo Antônio". Céticos quanto a confirmação da notícia, repórteres e fotógrafos saem em busca de dois "profanadores".

Depois de algumas voltas pelas ruas íngremes e estreitas do Morro do Alagoano, e de muitas perguntas sobre "onde ficava o cemitério invadido", o carro da reportagem chegou a rua Padre Antunes. Grandes rolos de fumaça sobem por detrás de um velho e escuro muro. O ruído incomum de carro na pequena rua provoca a debandada de uma multidão de mulheres e crianças que estavam no interior do velho cemitério desativado. A cena poderia ser de um filme de terror de **Zé do Caixão**: por entre as nuvens de fumaça e labaredas de mato queimado, surge uma profissão bizarra de homens, mulheres e crianças descalços, sujos, mal vestidos, rostos avermelhados pelo calor do fogo, olhos lacrimejantes pela fumaça. Quando chegam à rua, ao constatarem que o carro não era da polícia e sim de um jornal, no rosto de todos estampam-se o alívio que a seguir transforma-se em euforia. Todos querem falar à imprensa, justificar-se reivindicar.

OS MORTOS NÃO FAZEM MAL

O cemitério invadido foi abandonado há muito tempo pela Prefeitura. Há anos, lá ninguém é enterrado e nos seus mil metros quadrados, cresceu o mato onde se abrigavam os marginais, enquanto a sua volta, gente pobre como a viúva Glaudicéia Santos da Conceição, tirava 4 dos 7 mil cruzeiros da pensão que recebe para pagar aluguel e abrigar seus oito filhos.

Dona Glaudicéia é uma das 30 pessoas que invadiram o velho cemitério. Enquanto falava, entre a sufocante nuvem de fumaça, ela juntaram-se dona Delzi Maria da Conceição, Janaina Rosa de Souza, Marisa Reis da Silva, Neuza de Oliveira, Delci de Oliveira, Luiza Correa, Ozita Damasceno, Nanci dos Santos Pereira e muitas outras que, na noite de sexta-feira para sábado, passaram a noite no interior do cemitério para "garantir seus lotes", demarcados com quatro estacas e contornados com barbante. Rodeadas de crianças subnutridas, falam de suas dificuldades, da discriminação da renda que têm em relação ao aluguel que pagam.

"Somos gente pobre e temos direito a um lugar para morar", é a afirmação geral. A esta altura, o interior do velho cemitério virou um

autêntico comércio. Dona Delzi Maria da Conceição com sua veemência, pontifica sobre as demais mulheres: "O Prefeito nunca faz nada pela gente. Então, a gente resolveu fazer. Precisamos ter uma casa, como todo mundo, e vamos fazer aqui". Todos batem palmas e gritam "muito bem". O repórter quer saber quem liderou a invasão: "Não tem líderes quem decide é a comunidade. A comunidade somos todos nós. Pode anotar aí o nome da gente".

Nomes anotados, o repórter quis saber se elas estavam mesmo dispostas a morar no cemitério, se não sentiam medo: "Moço os mortos não fazem medo a ninguém. Medo a gente tem é dos fiscais (da Prefeitura) e da polícia que hoje estiveram aqui e desmancharam as nossas demarcações. Mas não vamos desistir".

Missão cumprida. O repórter tenta sair entre a multidão de invasores postada entre um estreito caminho e o mato que queimava de ambos os lados. As crianças estão alvoroçadas diante da câmara do fotógrafo, as mulheres da "comunidade" continuam falando, falando. Do lado de fora do muro do velho cemitério, o outro, de Santo Antônio, com seus jazigos e flores murchas. Mais além casas de classe média se estendem até o mar.



Poses demarcadas sobre antigas sepulturas